

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivamos elaborar um construto teórico e analítico que oferecesse subsídios específicos para o tratamento do alocutário no discurso. Buscamos, em Ducrot (1987; 1988; 2001), os princípios fundadores para a caracterização dos lugares de inscrição do *tu* no discurso, a partir de suas reflexões sobre linguagem e polifonia, bem como os procedimentos analíticos para o exame dos pontos de vista do locutor em relação ao seu alocutário, e, em Donaire (2004), uma descrição comum para o funcionamento da polifonia em diferentes níveis lingüísticos. Defendemos que os lugares de inscrição da segunda pessoa não se limitam às reconhecidas marcas explícitas de alusão ao alocutário (pronomes, morfes número-pessoal, etc.), mas se dão também e, principalmente, por meio de uma instância implícita, a do ponto de vista, que decorre das relações estabelecidas entre os elementos lexicais, frásticos e enunciativos. Sustentamos que os pontos de vista decorrentes dessas relações permitiam uma caracterização do *tu* construído no discurso do *eu*.

Antes de apresentarmos a nossa proposta, revisitamos diferentes teorias que discursaram sobre o lugar do alocutário nas interações verbais, com o intuito de explicitar em que medida a nossa abordagem se assemelhava ou divergia das demais, sem, contudo, julgá-las ou censurá-las. Nosso interesse residiu em explicitar, para o leitor, os motivos que nos levaram a procurar, na abordagem enunciativa polifônico-discursiva, os fundamentos para a análise do alocutário construído no discurso do locutor, sempre entendendo que olhar um mesmo objeto (o alocutário), sob diferentes perspectivas, favorece uma melhor compreensão desse objeto. Assim sendo, argumentamos que apenas a abordagem polifônico-discursiva permitia, ao mesmo tempo, (i) ultrapassar os limites da oração, (ii) evitar referências ao exterior do discurso, (iii) resgatar princípios para a observação dos implícitos do discurso e (iv) desenvolver uma metodologia analítica desses implícitos, fatores essenciais para o nosso objetivo.

No capítulo intitulado “Por um tratamento polifônico-discursivo do alocutário”, propusemo-nos a fundamentar nossa definição de alocutário construído, segundo a abordagem polifônica de Ducrot (1987; 1988; 2001). Apresentamos uma série de

argumentos que foram dando feitiço a essa definição. O primeiro argumento arrolado foi o de que nosso interesse se concentra na relação sentido-enunciado-discurso, de modo que, na nossa investigação, importava descrever o alocutário a partir do sentido dos enunciados que compõem o discurso. Em relação à terminologia, optamos pelo vocábulo “alocutário”, que é o correlato do termo “locutor”, em lugar de “ouvinte”, “interpretante” ou “interlocutor”, que têm como correlato o sujeito empírico. Propusemos “locutor” (ou *eu*) e “alocutário” (ou *tu*) como seres de discurso, que fazem parte do sentido dos enunciados. Quanto à natureza, defendemos como alocutário construído aquele que é constitutivo do discurso do locutor e que, por essa razão, pode ser resgatado. Esse resgate não ocorre apenas via marcas explícitas, mas como dissemos, principalmente, por meio dos pontos de vista “implícitos” no discurso e das relações do locutor com esses pontos de vista. Entre esses pontos de vista, interessaram-nos:

1. Ponto de vista X de um enunciador assimilado ao alocutário sobre A, em que A é um conteúdo de qualquer natureza;
2. Ponto de vista Y de um enunciador assimilado ao alocutário e a terceiros sobre A, em que A é um conteúdo de qualquer natureza;
3. Ponto de vista Z de um enunciador assimilado ao locutor sobre B, em que B é um conteúdo sobre o alocutário;
4. Ponto de vista W de um enunciador assimilado ao locutor sobre C, em que C é um conteúdo sobre o alocutário e terceiros.

Com isso, alcançamos, nesse capítulo, o nosso objetivo de elaborar um construto teórico para o exame do alocutário no discurso, repensando a obra ducrotiana, muito embora o próprio Ducrot não tenha considerado a teoria da polifonia sob essa perspectiva. Acreditamos que conseguimos compor uma proposta teórica que não fere os princípios da teoria.

No capítulo seguinte, elaboramos um instrumento, para a análise desse alocutário em textos autênticos, que permitisse o resgate dos pontos de vista X, Y, Z e W, apresentados nos fundamentos teóricos. Nas análises, pudemos comprovar que a nossa proposta permitiu não apenas recuperar o alocutário construído pelo locutor, como também sustentar, mediante elementos lingüísticos lexicais, frásticos e enunciativos presentes no discurso, a nossa interpretação. Observamos que,

mesmo em casos em que havia ausência total de marcas formais assinaladoras do alocutário, como no discurso sobre os orizicultores gaúchos, em alguma medida foi possível resgatar pontos de vista do *eu* que construíram o *tu*. Constatamos, também, que os pontos de vista implícitos do alocutário recuperáveis nos discursos variam em grau. Alguns textos permitiram mais facilmente essa recuperação (em geral, os de propaganda apresentaram um grau mais elevado de inscrição do *tu*). Outros procuravam camuflar o *tu*, deixando-o quase imperceptível, dificultando o seu resgate. Ainda assim, não houve casos em que um *tu* implícito não pudesse ser recuperado. Dessa forma, concluímos pela apropriação da perspectiva polifônico-discursiva para a análise do alocutário que o locutor constrói em seu discurso.

Afora as implicações teóricas, nossa proposta demonstrou ter implicações pedagógicas. Verificamos que a abordagem polifônico-discursiva do alocutário está em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, uma vez que contribui para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva, compreendendo o funcionamento das relações intersubjetivas, e cria condições para a sua participação social, para o exercício de sua cidadania (PCNs, 1998, p. 23). Assim, defendemos que a nossa proposta permite:

a) estimular a compreensão ativa do aluno, em oposição à mera decodificação das letras e das palavras;

b) formar leitores competentes, que compreendem o que lêem, apreendendo também o que não está escrito, os implícitos, que percebem como são vistos pelo outro nas relações intersubjetivas e que inferem as estratégias utilizadas pelo locutor para influenciá-lo. Não saber ler os pontos de vista alusivos ao alocutário faz do aluno um leitor ingênuo, não crítico, que não pode desfrutar de plena participação social;

c) oferecer ao aluno a oportunidade de saber como justificar e validar a sua leitura, a partir da observação das relações estabelecidas entre os elementos discursivos e não da mera intuição;

d) formar escritores/oradores competentes, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes e de planejar o discurso em função do seu objetivo e do leitor a que se destina (PCNs, 2000, p. 65);

e) orientar o aluno na compreensão de que, ao escrever/falar, ele constrói um alocutário, ainda que não conscientemente, e, com isso, evitar que o

desconhecimento desse fato leve o escritor/orador a enunciar o que não quer, a ofender, a criticar sem intenção ou, por outro lado, a não conseguir conciliar o que quer dizer com o que é dito;

f) favorecer a reflexão sobre a linguagem, mediante a compreensão da noção de “relação”, isto é, a compreensão de que as palavras ganham sentido nas relações que estabelecem com outras palavras nos contextos discursivos;

g) dar a oportunidade, ao aluno, de responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente, ou seja, de ser um sujeito letrado.

Além dessas implicações, entendemos que a nossa análise oferece uma contribuição singular no que se refere à formação do professor. Levar esse tipo de abordagem para o curso de Letras (que forma os professores de língua) permite que os futuros docentes possam, em primeiro lugar, desenvolver o seu potencial de leitura e de escrita¹, para poderem, posteriormente, estimular esse desenvolvimento em seus alunos. Pensamos que, muitas vezes, o professor utiliza o texto apenas como pretexto para o ensino da gramática porque não teve acesso a referencial teórico-metodológico que lhe desse segurança para trabalhar com leitura e produção na sala de aula². Por essa razão, propusemos que oportunizar ao estudante de Letras o conhecimento da abordagem polifônica em geral, e, mais especificamente, da abordagem polifônico-discursiva do alocutário, contribuirá para que o futuro docente desenvolva a sua competência discursiva para, depois, poder desenvolver a de seus alunos. Isso, sem dúvida, elevará a qualidade do ensino – em especial a do público³ –, contribuindo para a real democratização da educação.

Finalmente, queremos dizer que, sempre não acabado e não conclusivo, todo trabalho acadêmico está sujeito a constantes aperfeiçoamentos. Eis o espírito da ciência. Acreditamos, assim, que esta tese será um primeiro passo para outras discussões. Entendemos que os resultados encontrados podem (e devem) ser

¹ Referimo-nos, essencialmente, à “leitura” e à “escrita” em concordância com os PCNs de Língua Portuguesa, bem como com os estudos de Geraldi (1997; 2005) e de Possenti (2005). Assumimos a postura desses trabalhos no que diz respeito à defesa do ensino da “leitura” e da “escrita” como prioridades no Ensino Fundamental.

² Podemos mencionar, também, que quando o professor trabalha com atividades de “redação”, baseia-se em modelos de textos pré-estabelecidos que anulam algo fundamental à enunciação: a especificidade do alocutário. Seguir determinado esquema elimina essa parcela importante da linguagem, favorece a criação de “redações” artificiais ou sem sentido e impede a produção de textos autênticos.

³ Enfatizamos o Ensino Público porque entendemos que é esse ensino o principal responsável pela democratização da educação.

complementados por estudos que relacionem, por exemplo, a construção do alocutário com os gêneros de discurso, o discurso indireto, a ironia, as aspas, a variação lingüística e a oralidade (pensamos, sobretudo, nos aspectos supra-segmentais, como a entonação). Deixamos, aqui, esses caminhos para pesquisas futuras e esperamos ter contribuído para o desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa para a vida do aluno, ou seja, uma prática que favoreça que o aluno seja um cidadão, um usuário competente da linguagem com efetiva participação social.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. 4. ed. Paris: Nathan, 2001.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução para o espanhol de: Alberto Bernabé. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261–306.

BARBISAN, Leci Borges. As raízes da teoria da argumentação na língua. In: SILVA, Joseli Maria da; ESPÍNDOLA, Lucienne (orgs). *Argumentação na língua: da pressuposição aos topoi*. João Pessoa: Universitária, 2004a.

_____. Língua e fala: conceitos produtivos de teorias enunciativas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 138, p. 67-78, dez. 2004b.

_____. (Orientadora) et al. *A enunciação em tiras*. Relatório do Grupo de Estudos do Discurso da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995, p. 247-259.

_____. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995, p. 277-283.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995, p. 284-293.

_____. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989, p. 220-242.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989, p. 81-90.

BORGES, Paulo R. S. A pessoalização do pronome a gente sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 138, p. 163-172, dez. 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. 2. ed. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRÉAL, Michel. O elemento subjetivo. In: BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Pontes, 1992, p. 157-161.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2005, p. 117-126. (Coleção Na Sala de Aula).

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda. (orgs.). *Introdução à lingüística I: Domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. *Alfa*. São Paulo, n. 38, 1994, p. 75-95.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. *O leitor inscrito nos textos infantis*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. *Language et discourse*. Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, análise, didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

D'ÁVILA, Nerci. A enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 138, p. 151-162, dez. 2004.

DONAIRE, María Luisa. Sinfonía en *que* y formas de polifonía. *Signo y Señal*, Buenos Aires, n. 9., p. 109 – 142, jun. 1998 a.

_____. Los caminos del locutor. Reflexiones acerca de la polifonía enunciativa. In: GARCÍA-SABELL, T.; OLIVARES, D.; BOILÈVE-GUERLET, A.; GARCÍA, M. (eds.). *Les chemins du texte*. Santiago de Compostela, 1998b, p. 48-56.

_____. La argumentación en su dimensión polifónica. [mensagem pessoal]. Texto recebido em março de 2006.

_____. El espacio (discursivo) del *otro* en la lengua / en la enunciación. [mensagem pessoal]. Texto recebido em março de 2006. Publicado pela Universidad de Oviedo em 2003.

_____. Polifonía y punto de vista. *Revista iberoamericana de Discurso y Sociedad*, Barcelona, n. 4, vol. 2, p. 73 – 87, 2000.

_____. La polifonía, una relación binaria. In: NEGRONI, María Marta García; ARNOUX, Elvira N. de. (orgs). *Homenaje a Oswald Ducrot*. Buenos Aires, Eudeba, 2004, p. 117-133.

DUCROT, OSWALD. *Principios de semântica lingüística: Dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Provar e dizer: Leis lógicas argumentativas*. São Paulo: Global, 1981.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. In: DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980, p. 7-56.

_____. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. Argumentação e topoi argumentativos. IN: GUIMARÃES, Eduardo (ed.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Les modificateurs déréalisants. *Journal of Pragmatics*. Amsterdã, vol 24, p.145-165, 1995.

_____. Quelques raisons de distinguer "locuteurs" et "énonciateurs". *Polyphonie – linguistique et littéraire: Les polyphonistes scandinaves*. Roskilde, n. 3, p. 19 – 41, maio de 2001a.

_____. La force des mots. Entretien avec Oswald Ducrot. In: DORTIER, Jean-François (org.). *Sciences Humaines*, p. 81-85, Presses Universitaires de France, 2001 b.

DUCROT, Oswald; ANSCOMBRE, Jean-Claude. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Mardaga, 1983.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. A Teoria da Enunciação e a Escrita. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 138, p. 89-96, dez. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FLORES, Valdir. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 4, dez. 2001.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GERALDI, João Wanderley. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2005. (Coleção Na Sala de Aula).

_____. *Portos de Passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e Linguagem).

GIERING, Maria Eduarda. Contrato de comunicação, estratégias enunciativas e organização do discurso. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 39, n. 138, p. 9-17, dez. 2004.

GONÇALVES, Maria Stela. *Elementos para uma proposição da noção de interlocutor como categoria lingüística*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1981.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOFFMANN, André Henrique; LIIBKE, Juliana. Quem responde ao texto do aluno? In: CRUZ, Antonio Donizeti da; FORTES, Rita Felix. (orgs.). JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. Literatura: história e ficção em prosa e verso, 4, 2002, Marechal Cândido Rondon. *Anais*. Cascavel, EDUNIOESTE, 2002, p. 199-202.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciación: de la subjetividad en el lenguaje*. Tradução para o espanhol de: Gladys Anfora e Emma Gregores. Buenos Aires: Hachette, s/d.

KLEIMAN, Ângela. (org.) *Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

LICHTENBERG, Sônia. *Usos de indefinidos do português: uma abordagem enunciativa*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Approche de l'énonciation en linguistique française*. Paris: Hachette, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria, Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, Eleni. *Enunciação e diálogo*. Campinas: UNICAMP, 1990.

MELLER, Janine. *A subjetividade no discurso citado*. Dissertação (mestrado em Letras), Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

MELLO, Guiomar Namó de. Formação inicial de professores para a educação básica. Uma (re)visão radical. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol 14, n. 1, jan/mar. 2000.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e Ensino. Políticas de Fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Introdução à Lingüística 2: Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 233-264.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Semântica e argumentação: diálogo com Oswald Ducrot. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.14, n 1, fev. 1998.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NØLKE, Henning; FLØTTUM, Kjersti; NORÉN, Coco. *ScaPoLine: La théorie scandinave de la polyphonie linguistique*. Paris: Éditions Kimé, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução de: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERRIN, Laurent. Polyphonie et autres formes d'hétérogénéité énonciative: Bakhtine, Bally, Ducrot, etc. *Pratiques*. Paris, n.123/124, dez. 2004.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 14. reimpr. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 2005. (Coleção Leituras no Brasil).

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2003.

SANTOS, Fausto dos. *Filosofia aristotélica da linguagem*. Chapecó: Argos, 2002.

SARTORI, Elisa Martins Marques. *Os advérbios na publicidade: em busca da subjetividade, da intersubjetividade e da argumentação*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

SEARLE, John R. *Os actos de fala*. Um Ensaio de Filosofia da Linguagem. Coimbra: Almedina, 1981.

_____. *Expressão e significado: Estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Silvana. *Enunciação e sintaxe: uma abordagem das preposições do português*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. *Enunciação e produção de narrativas na escola de 2º grau*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1990.